



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Urgência da arte nas ruas: uma sociologia das resistências culturais no graffiti

Paulo Azevedo

paulov-azevedo@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN-

Pensar a cidade é uma das questões emergentes da sociologia e da ciência no século XXI; por esses motivos, o estudo dessas expressões visuais que se inscrevem na superfície da cidade é relevante para pensar a relação entre arte e resistência na medida em que a arte urbana democratiza o acesso a voz de diversidades culturais. Da comunidade de Palmitas em Chiapas, até a metrópole de São Paulo, toda América Latina é cenário de um movimento emergente de arte a céu aberto, através da expressão urbana capaz de transformar o modo como as pessoas experimentam a cidade.

O graffiti enquanto expressão artística nasceu na década de 1970 em Nova York, representando um dos elementos do hip-hop difundido por latinos e afro-americanos, atualmente essa cultura se reinventa na América Latina a partir de uma mistura de saberes resultando em uma verdadeira *antropofagia dos trópicos* (ROLNIK, 1998) responsável pela construção de uma arte multicultural que é ao mesmo tempo global e local. É tarefa de uma sociologia da cultura identificar e discorrer acerca dos processos de comunicação urbana na cidade contemporânea, evidenciando a prática artística enquanto uma ferramenta expressiva de resistências étnicas, culturais e sociais. As vozes da margem que se manifestam, existem dentro da cidade embora sua visibilidade não seja evidente, nesse sentido *periférico é uma condição geográfica mas também um sentimento de pertencimento* (TAKEUTI, 2010), existências que reverberam enquanto representações de um discurso mobilizado por pessoas periféricas podem falar sobre um novo método de fazer política, relacionado a educação intercultural e a descolonização do sujeito eurocêntrico partindo de *experiências comuns na adversidade mas também na solidariedade*.

A cidade enquanto um “livro aberto” é um terreno para investigar as *polifonias comunicacionais* (CANEVACCI, 1993) a partir de imagens enquanto *registros visuais* usufruiremos do conceito de *literatura menor* (DELEUZE, GUATARRI, 1977) para pensar a multiplicidade dos discursos visuais urbanos enquanto uma *ramificação do individual no político imediato*. A arte das ruas é capaz de falar sobre uma história que não nos é contada na escola, nesse sentido focaremos no



XXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

registro visual de graffitiis que evidenciem a representação de resistências e diversidades étnicas afro e ameríndias, salientando o poder de transfor a superfície da cidade em recurso comunicativo por meio do qual experimentam a cidade e partilham as experiências em *conectividad* estética das formas, texturas e cores, da linguagem urbana do graffiti.

Portanto postulamos as hipóteses de que as novas formas de fazer política na comunicação visual através das tintas trariam a possibilidade de apreender novas formas de se associar transformando a arte em um processo de criação coletiva. Orientados pela questão central em que medida essas práticas são capazes de desafiar a arquitetura da cidade, transformando a realidade que vivenciam?

ABSTRACT

Think about the city is one of the emergent questions for Science and sociology in the XXI century; for these reasons, the study of the visual expressions that inscribe themselves on the surface of the city, its relevant to think about the relationship between art and resistance, while urban art democratizes the access and the voice for the cultural diversities. From the Community of Palmitas, in Chiapas, México, to the metropolis of São Paulo, Brasil, all of the Latin America's landscape is scene of na emerging movement of open air art, through the urban expression wich is capable of transforming the way people do experiment the city.

Graffiti as na artistic expression., was born in the 1970s in New York, representing one of the elements of the hip-hop genre, spread by Latinos and African-Americans, currently this culture reinvents itself in Latin America from the mixture of knowledge resulting in a true anthropophagy of the tropics (ROLNIK, 1988) responsible for the construction of a multicultural art that is both global and local. It is the task of na sociology of culture to identify and discuss the process of urban communication but also a feeling of belonging (TAKEUTI, 2010), existences that reverberate as representations of a discourse mobilized by peripheral people can talk about a new metho of doing



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

politics, related to intercultural education and the decolonization of the Eurocentric subject starting from common experiences in adversity but also in solidarity.

The city as an "open book" is a terrain to investigate the communicational polyphonies (CANEVACCI, 1993) from images as visual registers we will enjoy the concept of minor literature (DELEUZE, GUATARRI, 1977) to think of the multiplicity of visual discourses urban as a branch of the individual in the immediate political. The art of the streets is able to talk about a story that is not told to us in the school, in that sense we will focus on the visual graffiti record that shows the representation of African and Amerindian ethnic resistance and diversity, emphasizing the power of transforming the surface of the city into communicative resource through which they experience the city and share the experiences in aesthetic connectivity of the forms, textures and colors of the urban language of graffiti.

Therefore we postulate the hypotheses that the new ways of doing politics in visual communication through paints would bring the possibility of apprehending new forms of associating transforming the art into a process of collective creation. Guided by the central question to what extent are these practices capable of challenging the city's architecture, transforming the reality they experience?

Palabras clave: Cidade; Graffiti; Resistência

Keywords: City; Graffiti; Resistance



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción –

A cidade contemporânea é o habitat natural de inúmeras formas de expressão, dentre elas, destacamos a arte na rua, mais especificamente o graffiti; pensar o acontecimento dessa prática enquanto um fenômeno social urbano certamente levanta várias questões, dentre elas, podemos pensar: em que medida tal prática é capaz de desafiar a arquitetura da cidade? Em que medida as inventividades do graffiti representam a voz de minorias e democratiza o acesso a fala dentro da cidade?

Quando falamos “Graffiti” é importante fazer uma ressalva, lembrando que por graffiti me refiro as expressões visuais urbanas de dois gêneros, graffiti e pixo, pois ambos fazem parte de uma mesma matriz visual, com semelhanças e diferenças, dentre elas se destaca que o graffiti vem ganhando espaço na sociedade contemporânea a ponto de em algumas ocasiões ser consagrado enquanto arte, já o pixo por sua vez, é sua antítese, é visto na maioria das ocasiões enquanto crime, vandalismo e depredação do patrimônio alheio, contudo os dois gêneros habitam e compartilham a superfície da cidade como suporte de suas intervenções.

O graffiti de origem etimológica graffito significa “marcar uma superfície com o grafite” e é uma expressão visual que existe desde os tempos paleolíticos nas paredes das cavernas até os muros da antiga cidade de Pompeia, porém se reinventou em meados dos anos 1970, como uma linguagem visual atribuída ao gênero do hip hop que se expandiu por todos os continentes e continua se transformando até os dias atuais. Já o pixo, ou pixação por sua vez, vêm do mesmo gênero que o graffiti, e existe simultaneamente enquanto prática caligráfica, no entanto, o que a diferencia brevemente foi ascensão originária no Brasil a invenção do termo pixar, ou seja, em outros continentes o graffiti assume ambos gêneros, porém especificamente no Brasil, o termo pixar se popularizou entre os seus praticantes com o uso da letra “x” de forma intencional, ao substituir a palavra como se escreve na regra gramatical pichação, nesse sentido o pixo, ou a prática da pixação já desafia a autoridade desde sua raiz etimológica. Ambas as práticas graffiti e pixo, são bifurcações de um mesmo caminho, e trabalharemos com a hipótese de que ambas atuam como uma caligrafia



alternativa, a ferramenta escrita que constrói uma literatura menor. Tendo como objetivo compreender em que medida essas práticas desafiam a arquitetura da cidade.

II. Marco teórico/marco conceptual

Evocamos o conceito de literatura menor (DELEUZE e GUATTARI, 1977), para pensar a cidade enquanto um “livro aberto” aonde o graffiti na base da letra e da imagem se anuncia enquanto representação da resistência de uma minoria. Dos três princípios da literatura menor; a desterritorialização da língua; do individual ao imediato político; do agenciamento coletivo de enunciação; alargar a noção do corpo da cidade como uma escritura para melhor dar conta dessas expressões da comunicação visual.

Pensar o Graffiti e sua escrita, no seio da cidade contemporânea, é um exercício sociológico que envolve ao mesmo tempo uma experiência antropológica de investigação e de experimentação da cidade; trata-se de mudarmos a perspectiva do nosso modo de observar a cidade. Esse trabalho compele a investigar a escrita enquanto uma imagem em movimento que habita a superfície da cidade, e seus desdobramentos enquanto registros de experimentações artísticas.

É nesse sentido que entendemos como uma forma de literatura menor (não no sentido diminutivo). Literatura menor como literatura marginal, uma orfã de língua mãe, híbrida, mestiça, fora de um léxico oficial e gramática, como defendem Deleuze e Guattari (1975, p. 25), levamos em conta o conteúdo e as formas, para dar entendimento ao procedimento de expressão das escritas.

A cidade é um livro aberto, os escritores são os autores dessa obra de arte que está em constante renovação; a literatura urbana, enquanto uma linguagem socialmente construída será, neste estudo, abordada como uma literatura menor (DELEUZE e GUATTARI, 1975).

Dentro de um campo investigativo acerca da linguagem visual do graffiti e do pixo, proponho pensar a metáfora da “cidade como um livro aberto”, em outras palavras, significa pensar a paisagem visual da cidade enquanto um espaço, onde se escrevem histórias. A partir de um sentido conotativo a cidade passa a ser uma “obra literária” atravessada de palavras e imagens. Para tanto, esse texto



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

trabalha a partir da noção de *literatura menor* (DELEUZE e GUATARRI. 1977, p. 25) para conceber a caligrafia, e a escrita dentro da cidade como expressão visual, e assim, observarmos o seu procedimento, segundo os autores, a “literatura menor não é de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior¹” (ibid. p. 25). Ao transpormos, pois, essa premissa para o contexto em que essa pesquisa é realizada, supondo que na cidade circula preponderantemente a língua maior; dentre eles a publicidade, os sinais de tráfego dentre outras linguagens estabelecidas e oficiais; sabemos que todavia, coabitam outras linguagens que se constituem em línguas menores, as quais, seriam expressões próprias de minorias.

III. Metodología

Nesse trabalho a escrita se configura enquanto um diálogo entre o prosaico e o poético, escapando diversas vezes da narrativa exclusivamente racionalista. De acordo com Edgar Morin (1998) ao falar de poesia, nos remete a ideia de que a humanidade sempre operou através de duas formas de linguagem: uma racional, técnica, prática e empírica; enquanto a outra simbólica, mítica, mágica e sensível. Essas duas formas da linguagem habitam em nós como dois seres que constituem o tecido de nossa vida, prosa e poesia respectivamente.

A partir do momento que pensamos cidade enquanto um livro aberto, é possível imaginarmos sua arquitetura enquanto um grande colosso de concreto e aço, enquanto que a poesia² é como a natureza a flor que brota até no asfalto.

¹ Por “Língua maior” me refiro a uma linguagem oficial que habita o espaço urbano como por exemplo: outdoors, sinalização de trânsito, nomeação de rua, fachadas de empresas e instituições”.

² Nesse trabalho a escrita se configura enquanto um diálogo entre o prosaico e o poético, escapando diversas vezes da narrativa exclusivamente racionalista. De acordo com Edgar Morin (1998) ao falar de poesia, nos remete a ideia de que a humanidade sempre operou através de duas formas de linguagem: uma racional, técnica, prática e empírica; enquanto a outra simbólica, mítica, mágica e sensível. Essas duas formas da linguagem habitam em nós como dois seres que constituem o tecido de nossa vida, prosa e poesia respectivamente.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Esclareço que a rua é um espaço heterogêneo, onde não se pode ambicionar abranger a totalidade; no entanto, irei delimitar (“construir”) um espaço circunscrito, no qual me coloco, existo e pratico a linguagem da rua e a partir do qual percebo e descrevo esse agir através de uma linguagem etnográfica e de registros visuais. Distingue-se a falsa noção de que existe uma sólida fronteira entre pesquisador e objeto de pesquisa, mas sim uma continuidade. Creio que devo revisar a condição de escritor do texto, enquanto pesquisador, para estar atento à condição de que escrevo a partir desse espaço circunscrito da minha vivência como escritor de rua (*writer*).

Mergulharemos, em um universo de tintas e símbolos, a partir do qual eu espero retratar, em certa medida, parte de minha própria experiência, enquanto escritor de rua, enquanto observador ativo de outras experimentações com as quais compartilho em minha vivência de artista de rua (*nômade*). Usufruindo de registros fotográficos, como matéria visual, para embasar e tornar mais palpável as investigações visuais, de obras minhas e de outrem que ocupam visualmente a rua, através de imagens (desenhos e tipográficas), que configuram o que durante nesta pesquisa se delimita enquanto arte urbana.



IV. Análisis y discusión de datos

Diante o desenvolvimento da pesquisa pautada na minha relação enquanto pesquisador e também enquanto escritor, percebi em certo momento a necessidade de um recorte mais delimitado. No entanto, não se tratava de um recorte espacial de análise de uma cidade ou território específico, na verdade a pesquisa se cunhava na minha experimentação enquanto escritor de rua, e nesse caminho me relacionei com vozes distintas, de diferentes origens de território e classe social. No entanto apesar a rua como um espaço heterogêneo é capaz de comportar essas distintas vozes, e ser compreendida como um espaço de compartilhamento, mas também como um espaço de disputa, uma arena de lutas simbólicas. Tudo leva a crer que essa comunicação visual busca outras formas de representação, através de uma arte política que vai de confronto com as estruturas sociais formalmente lícitas. Seria a linguagem juvenil capaz de revolucionar as formas de fazer política do mundo atual? Seria capaz a caligrafia urbana de reinventar a linguagem escrita e desafiar a linguagem gramatical oficializada? Em que medida as artes inventivas são capazes de trazer transformações empíricas na organização da nossa vida cotidiana?

A questão central da discussão foi pautada através da questão, em que medida tais práticas são capazes de desafiar a arquitetura da cidade? E a conclusão obtida foi de que tais práticas são capazes de se reinventarem enquanto linguagens espontâneas de expressões culturais e distintas que se expressam no seio da cidade.

V. Conclusiones

Através das minhas investigações urbanas foi observado o fenômeno social da arte de rua como uma manifestação que ganha cada vez mais força na cidade contemporânea, nesse sentido o artigo a urgência da arte nas ruas é um esforço em compreender essas práticas como potências criativas na cidade. Sendo assim, os graffiti contam histórias que se entrelaçam entre as ruas da cidade, explorando um potencial em manifestar expressões culturais distintas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Este trabalho foi baseado na minha experimentação e vivência como escritor de graffiti na cidade de natal, no entanto, ao ir apresentar o trabalho no ALAS em Montevideo no ano de 2017, pude observar o graffiti na cidade como uma potência a ser estudada e explorada. O bairro sur em Montevideo por exemplo, é considerado pelos próprios moradores um bairro negro e conhecido pela presença do candombé, uma manifestação cultural que se assimila ao candomblé no Brasil. Abaixo deixo alguns registros urbanos durante a estadia em Montevideo para dar luz a percepção de algumas histórias gravadas na cidade.



Figura 1 Montevideo Barrio Sur



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio



Figura 2 Montevideo Barrio Sur Bar Preto Viejo



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio



Figura 3 Montevideo Ciudad Vieja



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

- CAMPOS, R. Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica do graffiti urbano. Portugal, Edições, Sociedade Unipessoal, LDA. 2010
- CANEVACCI, M. Metrópoles comunicacionais. Revista Usp São Paulo n 63. 2004
- CANEVACCI, M. A cidade polifônica: ensaio sobre antropologia da comunicação urbana. São Paulo Studio Nobel 1993.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor. IMAGO editora LTD. Rio de Janeiro, 1977.
- RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005. 72p.
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- ROLNIK, Suely. **Subjetividade Antropofágica**, 1998. Disponível em:
<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjantropof.pdf>>



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio